

Imagens de resistência e vertente afro-surrealista nos filmes de Jordan Peele¹

Amanda Evelyn Oliveira do Nascimento²

Anderson dos Santos Paiva³

Arthur Ivan Gadelha Vilhena⁴

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Resumo

Neste texto exploramos o cinema contemporâneo de Jordan Peele (New York, 1979) como um produtor de imagens de resistência, através da perspectiva do Afro-Surrealismo e decolonialidade, considerando sua estética e linguagem cinematográfica voltada para as realidades e subjetividades vividas pela população negra. Para tanto utilizamos de uma análise dos filmes *Get Out* (2017), *Us* (2019) e *Nope* (2022) com o objetivo de discutir tais obras em uma aproximação com os conceitos de hipermodernidade (Lipovetsky, 2004) e interseccionalidade (Crenshaw, 2002), entendendo que esses filmes buscam discutir, dentre outras questões, a identidade, visibilidade e resistência da população negra.

Palavras-chave: imagem; cinema; afro-surrealismo; estética; hipermodernidade.

Afro-surrealismo na hipermodernidade

O Afro-surrealismo é um movimento artístico e também literário que busca expressar o absurdo da vida e das condições, muitas vezes surreais, que são enfrentadas pela comunidade negra, abraçando elementos perturbadores e até bizarros, que apontam para a problemática racial e o papel delegado aos negros na sociedade. Diferente do Surrealismo empírico do século XX, o Afro-Surrealismo é metafórico, com seus próprios códigos.

O Afro-surrealismo tem origens no termo “expressionismo afro-surreal”, proposto pelo intelectual americano Amiri Baraka (1934-2014) nos anos 70, para tratar da produção literária do escritor também americano, Henry Dumas (1934-1968), que abordava as lutas sociais e a pressão da classe dominante branca e ocidental em suas obras. O certo é que o termo foi se expandindo após o início deste século para uma dimensão artística que contempla desde artistas, escritores e pensadores historicamente

1. Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2. Licenciada em Artes Visuais, professora substituta do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima - UFRR. E-mail: amandaevelyn77@gmail.com.

3. Doutor em Arte Contemporânea, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima - UFRR. E-mail: anderson.paiva@ufrr.br.

4. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima - UFRR. Email: arthurivangadelha@gmail.com.

negligenciados, incorporando influências de movimentos negro, principalmente com a publicação do Afrosurreal Manifesto: Black is the New Black - a 21st - Century Manifesto, por D. Scot Miller, em 2009.

Afro-Surrealism rejects the quiet servitude that characterizes existing roles for African Americans, Asian Americans, Latinos, women and queer folk. Only through the mixing, melding, and cross-conversion of these supposed classifications can there be hope for liberation. Afro-Surrealism is intersexed, Afro-Asiatic, Afro-Cuban, mystic, silly, and profound (Miller, 2009, p.1).

O Afro-surrealismo tem uma plataforma ampla de atuação e convergência com movimentos de luta e emancipação da sociedade. Ele não é um fenômeno isolado, mas possui profundas raízes, em especial na arte negra. Mesmo durante o período em que perdurou o Surrealismo europeu, já se notava a participação de artistas africanos e afro-caribenhos, como Aimé Césaire (1913-2008), natural de Martinica e um dos inventores do conceito de negritude. Portanto, artistas negros sempre usaram da arte para propor novas possibilidades e se fazerem representados, de modo a confrontar a realidade e construir novos mundos, fazendo frente ao racismo cotidiano.

Segundo Rochelle Spencer (1998), o Afro-Surrealismo é um espaço onde os artistas podem se libertar das amarras da lógica e da razão, para se conectarem com suas raízes e dar vazão às manifestações artísticas mais verdadeiras. Isso se alinha ao pensamento de Bell Hooks (2019), para quem a linguagem também é um lugar de embates. Assim, ao rejeitar a servidão silenciosa relegada aos afrodescendentes, o Afro-Surrealismo se constitui como um modo de existência e resistência. Muitas vezes essa resistência assume uma perspectiva decolonial, mais voltada para memória coletivas que para narrativas impostas pelo poder dominante, ocidental e colonial. Essa linha de pensamento, se opõe à hipermodernidade que Gilles Lipovetsky (2004) afirma ser caracterizada por um individualismo paradoxal, um consumo que absorve e integra todas as esferas da vida, uma busca incessante por novidade e hedonismo, e um presente que se torna a referência essencial dos indivíduos. No entanto, essa autonomia individual é acompanhada por uma fragilidade crescente e uma tensão nervosa, pela presença firme e insistente do medo e da angústia.

O Afro-Surrealismo dialoga com a hipermodernidade ao expor o absurdo do presente, da redução dos sujeitos à mercadorias, atacando suas subjetividades e

buscando uma dissolução das contradições e práticas de enfrentamento frente uma generalização mercadológica e reducionista. Enquanto a hipermodernidade pode levar à superabundância de informações e fluidez das experiências, o Afro-Surrealismo utiliza essa sensação de desconforto como uma forma de crítica às incoerências entre elementos da vida comum, com a angústia frente ao surgimento do absurdo que caracterizam o insólito no século XXI.

Através da estética afro-surrealista, com sua capacidade de criar narrativas singulares, o cinema e a arte negra podem ser pensados em conjunto com uma perspectiva decolonial e interseccional, oferecendo uma plataforma poderosa e emancipatória para coletivos e comunidades de artistas e realizadores. Essa potência do Afro-Surrealismo pode destacar a memória negritude afro-diaspórica, invisibilizada por muito tempo, e oferecer a ela um mundo fértil, mais apropriado pro seu desenvolvimento, sem esquecer a crítica ao absurdo do racismo e dos processos de colonização de mentes e corpos na contemporaneidade.

Imagens de Resistência e a Perspectiva Decolonial

A compreensão do movimento Afro-Surrealista no cinema contemporâneo, com especial atenção à obra de Jordan Peele, possibilita uma análise dos seus filmes não apenas como produtores de imagens de resistência, mas também por uma ótica da interseccionalidade, em diálogo crítico com a hipermodernidade, com a presença de personagens femininos que denunciam as atrocidades cometidas nos processos modernos de colonialismo.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002 *apud* ASSIS, 2019, p. 20).

Através dos filmes de Peele, são apresentadas diversas nuances da realidade de opressão contra a população negra, mas também se faz possível pensar uma existência e resistência por meio da arte, mesmo que esta seja atravessada pelo absurdo de planos

ficcionais. Seus filmes funcionam como atos de desobediência epistêmica, proposto por Walter Mignolo (Carreiro; Orange, 2024, p.217), dando visibilidade à categorias sociais marginalizadas e, ao invés de serem meras formas de entretenimento, servem como ferramentas de transgressão, são parte de um realismo perturbador, da bizarrice e do insólito das pessoas negras.

A proposta do movimento Afro-Surrealista é engajar-se em uma batalha no campo da cultura, por meio de atos de desobediência epistêmica, lutando e disputando através do universo da linguagem. Desse modo, Peele desafia as "imagens de controle" que, segundo Patricia Hill Collins (2019), são socialmente construídas para manutenção de uma condição de subalternidade. Ele emprega ferramentas estilísticas para acionar um tipo de experiência imersiva no espectador, para além da simples provocação da visão e audição. Os planos fechados, *close-ups* extremos de rostos ou texturas, e um *sound design* construído com sons ambientes discretos e texturas amplificadas (como respirações aceleradas e gemidos de pânico, utilizadas em algumas de suas obras. Essa visualidade e escuta hápticas estimulam o sentido do tato por meio da memória, engajando todo o corpo do espectador (Carreiro; Orange, 2024, p.212).

Essa abordagem estética permite tornar as opressões abstratas e as realidades negligenciadas viscerais para o público. Ao subverter as convenções de gêneros populares e a lógica eurocêntrica de dentro da própria indústria, Peele demonstra uma atitude decolonial que desafia a ordem social opressora, e também contribui para um maior entendimento da realidade.

A estética afro-surrealista pode oferecer aos cineastas negros contemporâneos uma plataforma poderosa para a expressão autêntica e emancipatória de suas comunidades, atingindo as fronteiras de classe, raça, gênero e sexualidade, além de aprofundar debates críticos. O cinema de Peele se distingue do realismo explícito ao usar o surreal e o metafórico para abordar temas como desigualdade social e a violência, operacionalizados, principalmente, a partir da complexidade da identidade negra.

Jordan Peele através de três produções

Jordan Peele tem se consolidado como um expoente no cenário cinematográfico por filmes como *Get Out!* (2017), *Us* (2019) e *Nope* (2022). Sua obra é um exemplo de como o Afro-Surrealismo pode abarcar um conjunto de questões que atravessam a

população negra, redefinindo sentidos e percepções sobre planos ficcionais latentes que discutem o papel do negro.

Em *Get Out!* (2017), o filme introduz o conceito do lugar afundado, um purgatório psicológico onde o protagonista é aprisionado, simbolizando a apropriação íntima e psicológica de corpos negros por uma sociedade branca que esconde um racismo abissal sob uma falsa hospitalidade. A cena inicial, um sequestro de um jovem negro em um bairro nobre, estabelece uma crítica direta ao racismo velado e à escravidão, forçando o espectador a refletir sobre a violência sistêmica. O sutil terror psicológico de Peele reside em sua capacidade de gerar desconforto através de simbologias que traduzem como realidades vivenciadas para o público negro, mas que para outros podem parecer, por vezes, sem sentido.

O filme *Get Out!*, lançado no Brasil com o título “Corra!”, possui um protagonista negro chamado Cris, interpretado por Daniel Kaluuya, que irá conhecer a família de sua namorada, uma mulher branca chamada Rose. Na cena em que ele chega na casa, há um estranhamento causado pelo fato da família, inteiramente branca, ser servida por uma equipe de funcionários composta por pessoas negras (Figura 1). Os funcionários se comportam de modo a incomodar o visitante, pois eles não falam muito, não se expressam, e não demonstram nenhum tipo de relação com o ambiente familiar no qual atuam.

Figura 1 - Cena do encontro familiar em *Get Out!* (2017)



Fonte: frame retirado do filme

Nesse filme a sociedade branca oculta um racismo abissal sob uma fachada de civilidade. O filme aborda o mecanismo estrutural do racismo, através da violência contra a comunidade negra. Através dessa escravidão persistente, se faz um convite à

reflexão sobre o estado psicológico e íntimo de pessoas negras frente a pressão colonial, racista e ocidental.

Em "*Us*" (2019), Peele aprofunda a crítica social ao apresentar a existência de duplos, cópias corporais da população que vivem em condições subterrâneas e espelham os movimentos de seus originais na superfície. Através dessa narrativa, ele metaforiza a desigualdade social extrema, na qual uma sociedade privilegiada se apresenta alheia à existência e sofrimento de outra, subalterna, mesmo coexistindo no mesmo espaço-tempo. A atuação de Lupita Nyong'o, que personifica tanto a protagonista Adelaide quanto sua dupla revolucionária, demonstra a tensão entre a aparência de normalidade e a sede de vingança impulsionada pela opressão que sofre. O filme, possui complexas camadas e obriga o espectador a se retirar da lógica convencional para confrontar a divisão social atual.

Há detalhes que é preciso ter uma atenção redobrada, pois servem de informação importante, como o números que aparecem com uma certa frequência ou mesmo um simples comercial na televisão. As críticas raciais são minuciosas, como a família negra na cena na praia, onde são uma das poucas famílias "diferentes" no local.

Figura 2 - Cena do confronto final, em *Us* (2019)



Fonte: frame retirado do filme

Desde o desenrolar do filme até o desfecho, Peele aprofunda sua crítica utilizando uma metáfora para tratar da desigualdade social extrema, onde um poder opressor (sociedade privilegiada) se sobrepõe a sujeitos invibilizados (sociedade subalterna), provocando um confronto (Figura 2), uma ruptura pela sede de vingança impulsionada pela protagonista, em sua luta para retomar seu lugar.

Já em "*Nope*" (2022), Peele utiliza a premissa de um mistério alienígena para tecer uma mordaz crítica à sociedade do espetáculo e à marginalização histórica. A abertura do filme, aludindo à figura apagada do jôquei negro na sequência pioneira de

Muybridge, estabelece uma proposta de resgate da memória coletiva e visibilidade de narrativas subalternizadas. Esse filme é um ato de desobediência epistêmica, interseccional e decolonial, mesclando horror, ficção científica, faroeste e comédia, se opondo às classificações rígidas de gênero cinematográfico.

A obra de Peele se conecta com a interseccionalidade, um conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw, jurista e intelectual norte-americana, para analisar a sobreposição de múltiplas formas de opressão, como raça, gênero, classe e sexualidade. Essa abordagem é de grande importância para o feminismo negro na busca pela visibilidade e reivindicações de mulheres negras que foram escanteadas pelo feminismo branco e pelo movimento antirracista focado em homens negros. Collins (2019) desenvolveu o conceito de "imagens de controle", representações socialmente construídas para manter corpos negros em subalternidade.

Em *Nope*, lançado no Brasil com o título "Não! Não Olhe!", os protagonistas OJ e Emerald subvertem esses estereótipos. Emerald, como uma mulher negra lésbica de origem latina, desafia a submissão e reivindica sua autonomia sexual, agindo como um movimento decolonial de desconstrução dos clichês. Essa fluidez dos personagens possibilita uma compreensão interseccional da realidade, que desafia as expectativas sociais de raça, gênero, classe e sexualidade.

A recuperação da memória é um pilar da perspectiva decolonial, e Peele a executa ao resgatar a história de personagens apagados, como o jôquei de Muybridge. Esse processo é vital para superação das narrativas manipuladoras produzidas pela lógica dominante.

Na história os personagens descobrem que há um “estranho” que se esconde nas nuvens (Figura 3), e fica rondando a residência e terreno ao redor. Essa ameaça é constante e eles ficam apavorados após o ser despejar grande volume de sangue sobre a casa deles. Apesar do medo da morte pelo ser desconhecido, eles tentam fazer gravações do estranho para comercializar, utilizando câmeras que não precisam de eletricidade. Essa tentativa de capturar e imagem e sobreviver ganha destaque no filme, reforçando o papel tanto da necessidade, quanto do heroísmo.

Figura 3 - Cena da primeira aparição do estranho, em *Nope* (2022)



Fonte: frame retirado do filme

A crítica de Peele à espetacularização da sociedade (Guy Debord, 2003) em *Nope* se alia às análises de Lipovetsky (2004) de um mundo onde a representação se confunde com a realidade, onde as imagens são ferramentas de controle e manipulação.

O Afro-Surrealismo, pode ser uma forma de confrontar essas imagens de controle através de uma resistência singular e identitária. Não se trataria de uma reintegração do passado na lógica mercantil da hipermodernidade, mas da busca por uma memória coletiva, não como nostalgia, mas como libertação.

Breves considerações

Para cineastas negros contemporâneos, a estética afro-surrealista oferece um vasto campo de possibilidades para a produção de filmes de resistência. A utilização das categorias do "insólito", "onírico" ou "bizarro" pode produzir imagens voltadas à crítica social e estética da hipermodernidade e aproximar as produções artísticas e cinematográficas da interseccionalidade em muitos campos de disputa, desde o racismo, feminismo, LGBTQIAPN+, até a prática decolonial na tentativa de pensar por outras óticas, com relação a forças e agências que compreendam outras naturezas e subjetividades.

O cinema de Jordan Peele, aqui tratado por meio de uma breve análise dos filmes *Get Out!* (2017), *Us* (2019) e *Nope* (2022), demonstram essa potência em abordar temas tão caros à população negra, como a desigualdade social e a violência cotidiana pelo racismo estrutural da sociedade. Ao lançar um mais olhar atento às suas obras e à proposição do Afro-Surrealismo podemos compreender seu cinema como uma forma de resistência simbólica e estética em contraposição às estruturas que, historicamente, buscam invisibilizar os corpos e subjetividades negras.

A estética afro-surrealista reimagina possibilidades de existência, articulando memória, ancestralidade e crítica social. pelo uso de metáforas visuais, atmosferas inquietantes, planos ficcionais e recursos cinematográficos hápticos que mobilizam também o dispositivo político discursivo, buscando o reposicionando de sujeitos subalternizados pela narrativa e poder dominante, abrindo caminho para imaginários alternativos.

Referências

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

CARREIRO, Rodrigo Octávio D’Azevedo; FONSECA, Marília de Orange Uchôa da. Afro-surrealismo, insólito e desobediência epistêmica em Não! Não Olhe!. **Revista Eco-Pós**, v. 27, n. 3, p. 207–230, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i3.28298>. Acesso em: 20 mai. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019.

IMDb. **Get Out** (2017). [S.d.]. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt5052448>. Acesso em: 15 mai. 2025.

IMDb. **Nope** (2022). [S.d.]. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt10954984>. Acesso em: 19 nov. 2024.

IMDb. **Us** (2019). [S.d.]. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt6857112/ref_=nm_knf_i_3. Acesso em: 19 nov. 2024.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MILLER, D. Scot. **Afrosurreal Manifesto**: Black is the New Black, a 21st century Manifesto. San Francisco Bay Guardian, v. 43, n. 34, 2009. Disponível em: https://www.foundsf.org/Afrosurreal_Manifesto. Acesso em: 28 mai. 2025.

NASCIMENTO, Amanda Evelyn Oliveira do. **O movimento afro-surrealista no cinema de Jordan Peele**. 2023. 32 f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2023.

SPENCER, Rochelle. **Afro-Surrealism**: the african diaspora’s surrealist fiction. London: Routledge, 1998.